

João Elvenich (Colónia, c. 1700 - Lisboa, 1755) e
Mathias Bostem (Heerlen, c. 1731 – Lisboa, 1806):
mestres de fazer cravos e afinadores da Casa
Real Portuguesa – Contributo para a História da
Construção de Instrumentos Musicais em Portugal

Ana Paula TUDELA

A handwritten signature in black ink, reading "João Elvenich". The script is cursive and elegant, with a prominent flourish at the end of the name.

João Elvenich, 1750

(PT/TT – Reg. Paroquiais, Casamentos, freg. das Mercês, livro 2, fl. 133v.)

A handwritten signature in black ink, reading "Mathias Bostem". The script is cursive and elegant, with a prominent flourish at the end of the name.

Mathias Bostem, 1775

(PT/TT - Reg. Paroquiais, Casamentos, freg. da Encarnação, livro 12, fl. 96v.)

Introdução

A falta de estudos acerca dos construtores de instrumentos musicais, provenientes da área disciplinar da História, tem dificultado a evolução das análises organológicas e musicológicas e promovido a construção de algumas ideias erradas acerca desta temática.

As queixas neste domínio provêm dos próprios especialistas em organologia, que atribuem os motivos dessa falha essencialmente a duas ordens de razões¹: a) falta de informação sobre a vida dos artesãos e respectivas corporações dos séculos XVII e XVIII; b) má organização dos arquivos, que dificulta a investigação.

É pois necessário que os profissionais da História se interessem por estas temáticas, pois a reflexão histórica, seja através de estudos parciais, seja por meio de sínteses, é essencial para que se desfaçam alguns equívocos e para que seja possível aos organólogos um melhor entendimento acerca dos instrumentos musicais sobreviventes.

Alguns aspectos biográficos dos construtores, tais como as datas e locais de nascimento e morte, as profissões do respectivo universo familiar, se tiveram filhos e que profissões seguiram, o local das oficinas e habitações, os aprendizes e oficiais com quem trabalharam, facilitam não só a compreensão do seu mundo socioprofissional, como também nos fornecem pistas que permitem resolver dúvidas acerca dos instrumentos musicais, relativamente às respectivas influências estilísticas e até quanto à autoria dos mesmos.

Por razões exteriores à minha vontade, o primeiro estudo que desenvolvi em torno desta temática, que é a biografia dos mestres de fazer cravos da família Antunes, encontra-se ainda em processo de edição. Nesse mesmo estudo são introduzidos os conceitos e as reflexões que permitem compreender a realidade do ofício de construir cravos e pianos em Portugal, nos séculos XVIII e XIX. A existência desse primeiro trabalho obriga-me a deixar de fora deste artigo a exploração aprofundada dessas matérias. Tentarei, contudo, ser suficientemente clara para compensar essa ausência.

1 Cf. DODERER, Gerhard e MEER, John Henry van der. *Cordofones de Tecla Portugueses do Século XVIII: Clavicórdios, Cravos, Pianofortes e Espinetas*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2005, p. 17.

A construção de cordofones de teclado em Portugal no século XVIII

Em Portugal, a construção de cordofones de teclado teve um período interessante durante o século XVIII, com a existência de uma indústria nacional, cujos artesãos eram conhecedores das novas técnicas desenvolvidas pelos mestres de vanguarda desta arte, ou seja, os italianos². Para além dos instrumentos de teclado de corda beliscada (cravos e espinetas) construíam-se também em Portugal os novos instrumentos de corda percutida³, os cravos-de-martelos ou pianofortes, antepassados dos pianos.

É bastante provável que a introdução dos instrumentos italianos na Corte portuguesa, que terá possibilitado o contacto dos artesãos portugueses com as novas invenções, se tenha ficado a dever a D. João V, que os terá encomendado directamente ao inventor italiano:

«Temos a certeza de que pianofortes florentinos encontraram o seu caminho até à corte lisboeta algures antes de 1732: o teorbista da capela dos Medici, Niccolò Susier, anotou no dia 27 de Janeiro de 1732 a morte de Bartolomeu Cristofori, “inventor do pianoforte, conhecido em toda a

2 O artífice que ficou para a História como o inventor destes novos instrumentos foi Bartolomeo di Francesco Cristofori (n. Pádua, 04.05.1655 – m. Florença, 27.01.1731), que terá desenvolvido entre os anos de 1709 e 1711 um novo instrumento a que deu o nome de *gravicembalo col piano e forte* (cravo com suave e forte), mais tarde conhecido como pianoforte e mais recentemente como piano. A sua invenção foi publicada por Francesco Scipione, Marquês de Maffei (n. Verona, 1675 - m. Verona, 1755), sob o título “Nuova invenzione d’un gravecembalo col piano, e forte, aggiunte alcune considerazioni sopra gl’istrumenti musicali” in *Giornale de’ letterati d’Italia*, Veneza, 1711, pp.144 – 159. No artigo, Maffei, que era um intelectual e um crítico de arte, articula a obra técnica com as novas correntes musicais e as necessidades dos executantes. A publicação descritiva da experiência de Cristofori possibilitou que se reflectisse sobre a nova invenção e que esta fosse difundida além fronteiras. Passados alguns anos, em 1725, o compositor e intelectual alemão Johann Mattheson (n. Hamburgo, 1681 – m. Hamburgo, 1764), amigo próximo de George Frideric Handel (1685-1759), fez uma tradução do artigo de Maffei para o periódico alemão *Critica Musica*. Em 1726, um artífice de Dresden, Gottfried Silbermann, construiu na Alemanha o primeiro instrumento com a invenção de Cristofori.

3 «Para além da mecânica, a principal diferença entre um cravo normal e um pianoforte reside no facto de que num cravo normal as cordas em unísono são separadas por um espaço (entre duas cordas adjacentes existe uma diferença de meio tom), enquanto no pianoforte as cordas em unísono são sempre adjacentes.» in DODERER, Gerhard e MEER, John Henry van der. *Cordofones de Tecla Portugueses do Século XVIII: Clavicórdios, Cravos, Pianofortes e Espinetas*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2005, p. 114.

Europa, e tendo servido a sua Magestade, o Rei de Portugal, que pagou duzentos *louis d'or* pelos mencionados instrumentos.⁴»

Tratou-se de um período singular na arte de construir instrumentos de tecla e corda em Portugal, porque, mais que reproduzir as invenções técnicas italianas, os artesãos portugueses, mostrando capacidade inventiva, conseguiram resolver problemas mecânicos⁵ e aperfeiçoar o processo de construção dos instrumentos, criando desse modo uma indústria nacional com características próprias⁶.

Ainda assim, a existência de construtores portugueses de qualidade reconhecida, inclusive alguns com privilégio régio, como era o caso da família Antunes, não impediu vários estrangeiros de tentarem a sua sorte em Portugal ao longo do século XVIII.

Dada a exiguidade do mercado português, a possibilidade de sucesso destes estrangeiros dependia de conseguirem obter a nomeação para o lugar de afinador da Casa Real, que lhes proporcionaria um ordenado anual certo. Por esta via evitavam os confrontos com os portugueses, resultantes da competição profissional, inevitável num meio pequeno e, simultaneamente, garantiam rendimentos mínimos constantes, já que, enquanto estrangeiros, não tinham acesso a cargos municipais, as capatazias⁷, que eram meios complementares de rendimento reservados, através da Casa dos 24, aos mestres portugueses ou naturalizados⁸.

Os construtores estrangeiros que alcançaram a nomeação para o lugar de afinador da Casa Real portuguesa, no século XVIII, foram João Elvenich e Mathias Bostem, nomes com que ficaram conhecidos em Portugal⁹.

4 Idem, p. 12. (Tradução feita a partir da obra de POLLENS, Stewart. *The early pianoforte*. Cambridge University Press, 1995, pp. 54-55).

5 Caso de Manuel Antunes que, em 1760, conseguiu obter um privilégio de dez anos para proteger uma alteração no mecanismo que permitiu melhorar o desempenho mecânico das teclas, eliminando os ruídos que faziam até então.

6 Cf. DODERER, Gerhard e MEER, John Henry van der. *Cordofones de Tecla Portugueses do Século XVIII: Clavicórdios, Cravos, Pianofortes e Espinetas*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2005, p. 101-118.

7 PT/TT – Ministério do Reino, Maço 477, CX 595, Macete de 1779.

8 LANGHANS, Franz-Paul. *A Casa dos Vinte e Quatro de Lisboa – subsídios para a sua história*, Lisboa, Imprensa Nacional de Lisboa, 1948, p. 229.

9 Optei por adoptar os nomes conforme os artífices os assinavam em Portugal. João Elvenich seria originariamente Joahnnes Elvenich e Mathias Bostem seria Mathias Boost, segundo consta na tradução de uma procuração enviada pelos parentes deste que ficaram na Alemanha. Mathias varia a assinatura do apelido entre Bostem, Bostein e Bosten,

Outros tentaram a sua sorte, como foi o caso de Henri-Joseph Van Casteel (Tournai, 1722 - Bruxelas, 1790) e José Cambiasso, que trabalharam juntos, mas acabaram por desistir. Outros ainda, portadores de uma cultura e um saber profissional eclético, conseguiram o lugar de funcionário régio noutras profissões e construíram pianos como curiosidade, caso de José Gaspart¹⁰ (Flandres, 1727 - Lisboa, 1812), que foi nomeado abridor de cunhos da Casa da Moeda¹¹.

Existia um traço comum a todos eles: provinham das zonas europeias envolvidas em guerras desde longa data, ou seja, a Europa Central. José Cambiasso era italiano, João Elvenich era alemão e os restantes eram flamengos.

Através da biografia dos afinadores reais, Elvenich e Bostem, tentaremos vislumbrar o modelo de sobrevivência económica adoptado pelos construtores estrangeiros em Portugal, nesta época.

Nacionalidade e naturalidade num mundo em guerra permanente

João Elvenich terá nascido por volta de 1700, na freguesia de S. Martinho, do Eleitorado de Colónia, império alemão. Mathias Bostem nasceu

usando nos instrumentos a primeira forma. João Elvenich e os descendentes mantêm a coerência na ortografia do apelido limitando-se a aporuguesar o nome próprio.

10 «Mr Gaspart foi Artista de grande engenho, não só trabalhava com exeço nas suas Artes, como tambem hera mui perfeito Maquinista, (e mais estudiozo) fazia Pianos, Relojos de Sol, e outras muitas pessas curiozas, sendo sempre muito frequente no estudo de Dezenho, e mudello.» in AHINCM - *COLLECCÃO DE MEMORIAS Relativas Os Gravadores de Cunhos, e Medalhas Nacionaes, e Estrangeiros O Serviço da C. da Moeda de Lisboa desde 1551, Com o resumo das suas Obras, e Serviços feitos a Nação Portuguesa. Com a Discripção das Medalhas Historicas Nacionaes, Desde a Regencia do Infante D. Pedro Em 1428. Acrésse hum Cathalogo Historico de todos os Artistas, Em Bellas Artes, Recopilação de muitas Obras. Por Luiz Gonzaga Pereira Segundo Gravador da Caza da Moeda*, LISBOA. Anno de 1857. Manuscrito (entrada: 1773 / Jozé Gaspar). Sublinhado da autora.

11 Para mais pormenores sobre a actividade de gravador de cunhos deste artefício Cf. FARIA, Miguel Filipe Ferreira Figueira de. *A Imagem Impressa: Produção, Comércio e Consumo de Gravura no Final do Antigo Regime*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005, pp. 138-140. (Tese para provas públicas de candidatura ao grau de Doutor no ramo de Conhecimento de História da Arte. Orientador científico: Prof. Dr. Agostinho Araújo).

c. de 1731/1732¹², na freguesia de S. Jacob (S. Tiago) da cidade de Heerlen¹³, bispado de Allumem¹⁴, Província de Limburgo.

A naturalidade e a nacionalidade de João Elvenich são coincidentes, não levantando por isso quaisquer dúvidas. No caso de Mathias Bostem, fazer coincidir a naturalidade e a nacionalidade não é uma tarefa simples.



Fig. 1

Mapa compreendendo a zona de confluência das fronteiras alemã, belga e holandesa. Assinalados os locais referidos por Bostem para definir a sua naturalidade: (1) “Lummen”, (2) “Heerlem”, (3) “Acchen” e (4) “Hosten”.

Bostem afirmava ser alemão. Vejamos as diversas designações que utilizou ao longo do tempo para descrever a pertença do seu local de origem:

12 A idade aproximada é-nos dada por meio do testemunho que Mathias Bostem faz em Julho de 1766, perante o pároco da freguesia dos Mártires, em Lisboa, para que se possam refazer os assentos de casamento de João Elvenich com Ana Josefa Faber e respectivos óbitos. Mathias afirma então ter 34 anos.

13 Heerlen é actualmente uma cidade dos Países Baixos, da província de Limburgo, a 8 km da fronteira alemã. Foi fundada pelos romanos e ficou conhecida em latim como *Coriovallum*, nome que foi dado ao assentamento do exército romano no local e que deu origem ao nome em português Corioválo. Cf. “Heerlen” in <http://pt.wikipedia.org/wiki/Heerlen> (wikipedia portuguesa). [Consultada no dia 26 de Fevereiro de 2007].

14 Penso que Mathias se refere a Lummen, que foi bispado e fica na Província de Limburgo. Actualmente pertence ao lado Belga.

a) «(...) baptizado na freg.^a de Sam Jacob Bispedo de Allumem Alemanha (...)»¹⁵»

b) «(...) baptizado em São Thiago da Vila de Erlen em Alemanha (...)»¹⁶»

c) «(...) natural do Lugar de Hosten, ou territorio de Aix de Lachapell na Alemanha prezentem.e sugeito ao Imperio Francez (...)»¹⁷»

Existem ainda as informações contidas no inventário feito por morte de Bostem, que referem ser aquele «(...) natural de Herlen, território de Aix de la Chapell, na Alemanha, presentemente sujeito ao Império Frances (...)»¹⁸»

A análise do conjunto de informações conduz-nos, quase inequivocamente, a Heerlen¹⁹. Ainda não tive oportunidade de consultar o assento de baptismo de Mathias Bostem, portanto, teremos que raciocinar com as pistas fornecidas pelo próprio Bostem e pelos seus herdeiros.

Vejamos, os seus irmãos e descendentes são naturais de Heerlen²⁰. A procuração que os mesmos enviam a Antonio Henrique Hannewinckel para os representar em Portugal nas partilhas da herança de Mathias Bostem foi redigida num tabelião de Heerlen, cuja assinatura foi reconhecida pelo «Presidente do Banco de Justiça de primeira instancia», numa audiência em Maastricht, Província de Limburgo²¹.

A referência a «Hosten ou território de Aix-la-Chapelle» feita por Bostem no testamento não faz sentido e poderá mesmo tratar-se de um erro do escrivão. Enquanto Hosten fica na Renânia-Palatinado, mais para o interior

15 PT/TT - REGISTOS PAROQUIAIS, Lisboa, Freguesia das Mercês, Casamentos, Livro [3], Rolo 1037, f. 264.

16 PT/TT - REGISTOS PAROQUIAIS, Lisboa, Freguesia de Santa Catarina, Baptismos, Livro 13, Rolo 1066, f. 189

17 PT/TT - REGISTO GERAL DE TESTAMENTOS – Livro 357, f. 35v.-36v.

18 PT/TT - CASA DA SUPPLICAÇÃO / FEITOS FINDOS / INVENTÁRIOS, Letra M, Maço 284, CX 3034 (processo de Mathias Bostem).

19 A cidade de Heerlen, que segundo Mathias Bostem, seria alemã ao tempo do seu nascimento, por volta de 1731, na realidade foi governada durante a Idade Média pelos Duques de Brabante, integrada nos territórios dos Países Baixos desde 1661 (tratado entre a Espanha e as Províncias Unidas) e ocupada em 1793 pelo império francês. Em 1814 voltou à posse holandesa. Entre 1830 e 1839 fez parte da Bélgica, em consequência da revolução belga que originou disputas de fronteira com a Holanda. Em 1839, findos os conflitos, voltou a fazer parte do território holandês, por decisão tomada na conferência de Londres, protagonizada pelas potências europeias. Cf. “Heerlen” in <http://de.wikipedia.org/wiki/Heerlen> (wikipedia alemã) e <http://en.wikipedia.org/wiki/Heerlen> (wikipedia inglesa), [Consulta efectuada em 26 de Fevereiro de 2007].

20 PT/TT – CASA DA SUPPLICAÇÃO / FEITOS FINDOS / INVENTÁRIOS, Letra M, Maço 284, CX 3034 (processo de Mathias Bostem).

21 Idem.

do território alemão, Aix-la-Chapelle, ou Aachen, como é designada pelos alemães, situa-se na Renânia do Norte-Vestfália, junto à fronteira com a Holanda e com a Bélgica.

Não é muito claro o porquê desta confusão. Não é muito natural que Bostem tenha tido dúvidas quanto à sua nacionalidade em 1757, quando casou e se declarou baptizado na Alemanha. Teria vantagens apresentar-se como alemão em Portugal? Ou considerar-se-iam alemães, do ponto de vista cultural, os naturais de Heerlen, não privilegiando a nacionalidade em detrimento das raízes culturais?

Em 1796, a propósito de um julgamento ocorrido no Cível, que opôs Bostem aos pais da sua nora, o artífice recorreu ao Desembargo do Paço para resolver o caso. Quando lhe indicaram que pagasse as custas, Bostem invocou os privilégios a que teria direito por ser alemão e tentou fazer prova da sua nacionalidade. Para isso deu a referência de três locais (Heerlen, Aix-la-Chapelle e Limburgo). O Juiz Desembargador não aceitou as provas de Mathias e referiu que, de qualquer forma, os lugares apresentados para provar a origem alemã estavam sujeitos ao império francês, o que o tornava um vassalo francês e lhe retirava os privilégios²². A decisão tão dura para com um oficial da Casa Real não será reveladora de alguma dúvida acerca da nacionalidade de Bostem?

Quando fez o testamento, em 1806, Mathias lamentou o facto da sua terra natal ter sido ocupada pelo império francês e voltou a afirmar a sua nacionalidade alemã.

Elvenich e Bostem, à semelhança de muitos outros seus congéneres, fugiram de um mundo cuja coesão política se desmoronava lentamente. O quase permanente estado de guerra e conseqüente devastação em que vivia a Europa, particularmente a zona central, levou muitos alemães e flamengos a emigrarem em busca de uma vida melhor. Portugal, ao longo de quase todo o século XVIII, apresentou-se aos olhos destes fugitivos, principalmente aos artesãos, como um destino de eleição, onde não havia guerra e a corte detinha o poder económico e o desejo de incrementar novas indústrias. Juntava-se a estes aspectos a tradicional ligação da casa real portuguesa à monarquia alemã através das alianças matrimoniais, que abria a possibilidade de protecção régia a alguns destes artífices.

22 PT/TT – CASA DA SUPLIÇÃO / FEITOS FINDOS / FUNDO GERAL, Letra M, Maço 2638.

O lugar de afinador da Casa Real durante o século XVIII

O lugar de afinador da Casa Real, vinha sendo desempenhado desde longa data por frades. D. Pedro II, no início do seu reinado, em 1683, nomeia para o cargo Frei Francisco de Santo António, frade paulista, que substitui Frei João da Conceição, provavelmente falecido:

«freyfran.codeS.toAn.toReligiozodaordemdosEremitasdeSaõPaulo Houve S. M^g.de por bem, tendo concideraçã ao que ã favor do d.^o frey fran.co de S.to An.to Religiozo da ordem dos eremitas de Saõ Paulo se lhe reprezentou, e constar q' elle tem a sufficiencia, e mais p.tes, q' se requerem p.^a servir o off.^o de Afinador dos orgaõs, e mais instrom.tos de tecla da Capella Real de S. M^g.e, de o tomar por Afinador dos orgaõs, e mais instrom.tos de tecla da mesma Capella Real, e enq.to servir vencerá cada anno vinte mil reis de ordenado, assim como os vencia frey joaõ da Conceiçã seu imidiato socessor, dos quais se lhe fará pagam.to no recebim.to das rendas da d.^a Capella Real, aos quarteis na forma costumada, e o Alvara foi feito a sinco de Nov.ro de 683.
(ass.)²³»

Em 1703, o mesmo monarca nomeia um afinador fora do clero, Pedro Nunes da Silva, natural de Tarouca, para substituição do frade paulista:

«Pedro Nunes da Sylva n.al da Villa de Tarouca f.^o de Pedro Rodrigues Ouve Mg.de p' bem havendo resp.to á boa informação q' tem da suficiencia, e mais partes q' se requerem p.^a ser afinador dos orgaõs, e mais instrom.tos de Tecla da Capella Real O d.^o Pedro Nunes da Sylva: Ha Mg.de p' bem de lhe fazer m.ce de oaceitar por afinador dos orgaõs e mais instrom.tos de Tecla da d.^a Capella, e em q.to servir haverá 20 rs – de ordenado cada anno na forma q' tinha seu antecessor Fr. Fran.co de S.to An.to dos quais se lhe fara pagam.to no recebim.to das rendas

23 PT/TT – REGISTO GERAL DE MERCÊS, D. Pedro II, Livro 1, fl. 43v.

da d.^a Capella aos quartéis na forma costumada, e o Alvara foi feito a 23 de Fev.ro de 703.

(*ass.*)²⁴»

É muito provável que Pedro Nunes da Silva tenha continuado no lugar de afinador da Casa Real no reinado de D. João V, porque não está registada nenhuma nomeação para este cargo pelo monarca. Só em 1749 volta a ser registada a nomeação de um novo afinador, João Elvenich, e desta vez provém da Casa da Rainhas:

«Estrom.tos de rabecas e rabecois».

«Donna Marianna por Graca de D.s Raynha de Portugal e dos Algarves daquem e dalem már em Africa S.ra de Guiné e da Conquista navegação e comercio da ethiopia Arabya Perçia e da India & Faço saber a vós D. Jayme de Mello Duque do Cadaval meu m.to prezado sobr.º do Conss.º de Estâdo e Guerra de El Rey meu sr. seu Estribr.º môr, e Mordomo môr de m.^a caza: que havendo respeito á boa informação q' semedeu de Joaõ Elvenich de Naçaõ Alemam M.e de fazer estrom.tos de rabeca, rabecois e cravos lhe faço m.ce de o tomar por off.al de m.^a Caza p.^a me servir como os mais officiaes della; e gozará de toda as honras privilegios e Liberdades q' logrão todos os meus criados p.^a o que lhe mandei passar esta carta por mim assignada q' passará pela m.^a chancellaria, selada com o selo de m.as armas. Dada nesta Cid.e de Lx.^a em 8 de Fevr.º, anno do nascim.to de Nosso S.r Jezus Christo de 1749

Por Portr.^a do Duque Mordomo Mor de 1[0] de Fevr.º de 1749.²⁵»

Não se tratando de uma nomeação explícita para o cargo, nem de um decreto do rei, sabemos por informação registada na nomeação do afinador seguinte, Mathias Bostem, que era esse efectivamente o trabalho desempenhado por Elvenich, como veremos adiante.

Não se apurou ainda a data de falecimento de Pedro Nunes da Silva, mas é provável que João Elvenich o tenha sucedido. O facto de Elvenich ter sido nomeado em 1749 não significa que só então tivesse iniciado a prestação

24 PT/TT – REGISTO GERAL DE MERCÊS, D. Pedro II, Livro 15, fl. 191.

25 PT/TT – CASA DAS RAINHAS, Livro 2 (UI 37), fl. 175.

de serviços à Casa Real. Era comum o desempenho das tarefas durante algum tempo até que o artífice solicitava o cargo – uma espécie de período experimental.

João Elvenich morreu a 1 de Novembro de 1755, no grande terramoto, e durante onze anos o cargo manteve-se vazio. Neste período de tempo o trabalho poderá ter sido desempenhado por diversos artífices, portugueses e estrangeiros.

Em 1766, Mathias Bostem, que residia e provavelmente trabalhava com João Elvenich ao tempo do terramoto e com quem tinha laços de parentesco²⁶, obtém a nomeação, desta vez claramente expressa, de afinador de cravos:

«Decreto de S. Mag.de de 18 de Dezr.º de 1766

Sou servido tomar p.^a o Meu Real Serviço por afinador dos cravos da Opera, e dos da Minha Real Camara, ao Mestre Mathias Bostem, com o ordenado de duzentos sessenta mil quatro centos e sincoenta reis, por Anno, pago pellos Armazens de Guine, e India, na Conformidade dos Instrumentistas da mesma Minha Real Camara; e hé o mesmo q' pella referida Repartição levava Joaõ Elvenik Mestre de Cravos, q' faleceu na ocaziã do Terremoto. O Cons.º da Faz.da o tenha assim entendido, e faça Executar – mandando-o meter na folha o que tocar, p.^a prinçipiar a Vencer o d.º ordenado do dia Primeiro do Corr.te mêz de Dezembro em diante. Palacio de N. Sr.^a da Ajuda a 18 de Dezr.º de 1766,, Com a rubrica de S. Mag.de²⁷».

Note-se que até à nomeação de Mathias Bostem para o cargo de afinador, este vinha sendo desempenhado de uma forma não especializada, ou seja, os afinadores tinham a seu cargo vários instrumentos. Frei Francisco de Santo António e Pedro Nunes da Silva estavam encarregados de afinar todos os instrumentos de tecla (órgãos, cravos, clavicórdios) e João Elvenich, se bem que não seja especificado na carta de mercê qual será a sua incumbência, é referido como mestre de cravos, rabeças e rabeções.

26 V. Anexo I, para uma melhor compreensão acerca do desenvolvimento familiar destes dois artesãos em Portugal.

27 PT/TT – CONSELHO DA FAZENDA (*Livro 2.º de Registo de Decretos*), Livro 5, fl. 89v.

O decreto de nomeação de Mathias Bostem fornece-nos alguns dados sobre João Elvenich, ausentes na carta de mercê passada pela rainha consorte, D. Maria Ana de Áustria. Ficamos a saber que recebia 260\$450 reis anuais de ordenado e que era pago pelos Armazém da Guiné e Índia, à semelhança dos músicos da Real Câmara.

Se compararmos o ordenado de Elvenich e Bostem com os 20\$000 anuais recebidos pelos afinadores anteriores, parecer-nos-á abismal a diferença. Contudo, temos que adicionar perspectiva a esse facto. A importância da Capela Real na vida da Corte, com D. João V e D. José, que governaram em período de paz e se preocuparam em construir uma imagem de regime, aumentou consideravelmente, bem como as verbas dispendidas com a mesma.

Mathias Bostem recebeu até morrer, em 15 de Agosto de 1806²⁸, para além do ordenado anual fixo, acima referido no decreto, pago pelo cofre dos Armazéns da Guiné e Índia, mais 6\$400 reis anuais para as despesas de cordas e penas²⁹, quantias variáveis pelas reparações dos cravos da Ópera e da Casa Real³⁰ e pagamentos pontuais de transportes e refeições, conforme o tempo gasto (dias ou meios-dias), por afinar os instrumentos nos ensaios que antecediam os espectáculos, nos dias dos próprios espectáculos e nas provas dos músicos, tudo pago pelas despesas do particular da Casa Real, o Real Bolsinho.

Meios complementares de sobrevivência

Os estrangeiros, se por um lado não tinham acesso aos cargos municipais destinados às corporações da Casa dos 24, por outro tinham maior liberdade no exercício das suas profissões. Apesar das constantes queixas dos mestres portugueses, aos estrangeiros era permitido ter mais do que uma actividade profissional.

No caso de João Elvenich não foi ainda possível encontrar informação que nos permita perceber claramente a que meios complementares de rendimento recorreu. Contudo, a designação de «mestre de fazer estromentos de rabeça, rabecois e cravos» referida na carta de mercê passada por D. Maria

28 PT/TT REGISTOS PAROQUIAIS – Freguesia de N.ª Sr.ª da Encarnação, Óbitos, Livro 13, f. 334.

29 PT/TT – CASA REAL, Livros 503 a 511.

30 Idem.

Ana de Áustria, por si só, já é demonstrativa dessa liberdade, impensável para um oficial mecânico português, cuja especialização lhe era exigida nas posturas do Senado da Câmara e por regimento. Ou bem que era violeiro, ou bem que era oficial de cravos.

Quanto a Mathias Bostem, temos alguma informação. Sabemos que entre 1763 e 1766 teve uma casa de pasto e bilhar na Calçada da Estrela³¹ e que, pelo menos, entre 1788 e 1806 possuiu uma fábrica de pão. Em 1788 aparece na desobriga designado por “padeiro”³²; em 1805 paga imposto da décima de maneio porque tem uma fábrica de pão³³. Aparecem ainda dívidas relativas a trigo nos papéis que constam do inventário feito pelos seus testamenteiros³⁴.

Aparentemente a fábrica de pão foi dada a explorar por Mathias Bostem ao seu filho único, António Pedro Bostem, quando este se casou em 1789, situação que durou pouco tempo porque este veio a morrer em 1790.

Geografia dos locais de habitação e oficinas de Elvenich e Bostem e colaboradores que tiveram

Acerca de João Elvenich, sabemos que vivia no sítio das Chagas antes de casar, ou seja, por volta de 1736³⁵. Não sabemos contudo se já construía instrumentos musicais e há quanto tempo estava em Portugal. A primeira informação detectada que descreve a composição do seu agregado familiar data de 1741³⁶ e indica-nos que reside na Rua Formosa (actual Rua do Século), mas ainda não menciona oficiais, nem aprendizes, menciona apenas que vive

31 AHTC – DÉCIMA DA CIDADE DE LISBOA, Freguesia de Santos-o-Velho (Calçada de São Bento para a Estrela, lado esquerdo), Maços DC 1022 ARR a DC 1026 ARR.

32 AHPL – Livro das desobrigas da freguesia da Encarnação, ano de 1788, fl. 81.

33 AHTC – DÉCIMA DA CIDADE DE LISBOA, Freguesia da Encarnação (Rua da Emenda, lado direito), Maço DC 407 ARR, fl. 69v.

34 PT/TT – CASA DA SUPLIÇÃO / FEITOS FIDOS / INVENTÁRIOS, Letra M, Maço 284, CX 3034.

35 AHBM – ARQUIVO PAROQUIAL ANTIGO, Maço B.1/11 (Processo da justificação do casamento e dos óbitos de João Elvenich e Ana Josefa, em 1766) - depoimento de Tomás José Felner.

A justificação, que foi solicitada por João José Elvenich, filho do casal falecido, revela alguns pormenores acerca da profissão que seguiu, ou seja, escultor de pedra. As testemunhas são quatro: três da família Felner, todos músicos da Real Câmara de Lisboa (João Valentim Felner, Henrique José Felner, Tomás José Felner) e o mestre de cravos Mathias Bostem. Os depoimentos são testemunhos da proximidade existente entre estas famílias. Cada testemunha começa por revelar a idade e morada, fazendo do documento uma fonte interessante para a biografia destes artistas, sobretudo dos músicos, que está por fazer. V. o Anexo II.

36 IPNSM/CJ – Rol das Desobrigas das Mercês, Livros de 1741 (Rua Formosa).

consigo, para além da mulher e criados, o seu irmão Conrado Elvenich, cuja profissão ignoramos.

Em 1747³⁷ surge-nos um dado positivo: para além do irmão, reside também em sua casa um aprendiz de nome Raimundo José. Em 1748 João Elvenich mudou-se para a freguesia dos Mártires, onde morou na Rua da Figueira (dado que obtivemos por ele ter sido padrinho de um casamento na freguesia das Mercês³⁸) e na Rua da Cordoaria Velha por ocasião do terramoto³⁹. Esta zona viria a ser muito afectada pelo Grande Terramoto. A igreja paroquial dos Mártires foi destruída e com ela o cartório, deixando-nos sem documentação para trás de 1755. As casas em que João Elvenich viveu ruíram, tendo este falecido juntamente com a sua mulher e quatro dos sete filhos⁴⁰.

Mathias Bostem terá vindo para Portugal na década de 1750. Por altura do terramoto de 1755 vivia em casa de João Elvenich, na Rua da Oliveirinha à Cordoaria Velha, segundo o seu próprio testemunho no processo de reforma dos assentos de casamento e óbito de João Elvenich⁴¹.

Em 1756 reside na Travessa de André Valente, na freguesia das Mercês, em casa dos sobreviventes da família de João Elvenich: três filhos, os sogros e uma cunhada. Em 1757 Mathias casa-se com a cunhada de João Elvenich e mudam-se todos para a Calçada do Combro, onde vivem até 1762. Neste período, entre 1756 e 1762, não são referidos claramente aprendizes, nem oficiais, em casa de Bostem. Contudo, fazem parte do seu agregado familiar João de Vilanova, João Simi e António Marques, que tanto podem ser criados como ajudantes não declarados.

Entre 1765 e 1769, na Calçada da Estrela, tem em casa oficiais estrangeiros; Mathias Eflen, Mathias Refilé (sic) e Francisco Gerardin⁴².

37 Idem, Livro de 1747 (Rua Formosa).

38 PT/TT – REGISTOS PAROQUIAIS, Lisboa, Freguesia de Nossa Senhora das Mercês – Casamentos, Livro 2, fl. 133v.

39 PT/TT – REGISTOS PAROQUIAIS, Lisboa, Freguesia de Nossa Senhora dos Mártires – Óbitos, Livro 1, fl. 39 (assentos reformados em 16 de Julho de 1766, de João Elvenich e da sua esposa Ana Josefa).

40 AHBM – ARQUIVO PAROQUIAL ANTIGO, Maço B.1/11 (Processo da justificação do casamento e dos óbitos de João Elvenich e Ana Josefa, em 1766) - depoimento de Mathias Bostem.

41 Idem, Ibidem.

42 IPSV – Livros das desobrigas, anos de 1765, 1766, 1768 e 1769 (Calçada da Estrela / Poço de D. João, a seguir ao Pátio das Trinas Francesinhas).

Entre 1770 e 1786 Mathias vive na Rua dos Padres Caetanos, na freguesia das Mercês e na Rua de São Bento, na parte da freguesia de Santa Isabel. Acerca deste período temos pouca informação porque não foi ainda possível localizar as desobrigas correspondentes, já que as reformas das paróquias em 1770 e 1780 deslocaram algumas destas ruas para novas circunscrições, como é o caso da Calçada da Estrela, que em 1770 passa para a recém criada Lapa e da Rua de São Bento, que anda repartida por várias paróquias.

Em 1788 Mathias Bostem adquire uma propriedade de casas na Rua da Emenda e foi nesta morada que viveu e teve a fábrica de pão e a oficina de cravos até ao fim da sua vida (1806). Teve vários criados, mas não voltou a ter consigo oficiais ou aprendizes declarados como tal.

Existem várias hipóteses a considerar. Ou o seu filho aprendeu a profissão e ajudou Mathias até 1790, data em que morreu, ou alguns dos criados mencionados ao longo dos anos são de facto oficiais não declarados para fugir ao imposto, ou Mathias mandava fazer grande parte do trabalho a carpinteiros e marceneiros e reservava para si apenas a montagem do mecanismo. Esta última hipótese pode explicar porque é que quando Bostem morreu são encontrados em sua casa e postos em leilão «(...) vinte cravos e Fortes Pianos, princiados pelo mesmo Mestre, como também a ferramenta, e mais pertenças da mesma fabrica (...)»⁴³

A dispersão da herança de Mathias Bostem

A herança de Mathias Bostem não teve um fim pacífico. Depois de ter perdido a mulher, o único filho e a única neta, por volta de 1796 viu-se envolvido numa contenda judicial com a nora por causa das partilhas⁴⁴. O valor da casa da Rua da Emenda (hoje N.º 26) foi um dos pontos de discórdia. Entretanto, a nora morreu a meio do processo, que continuou a decorrer por vontade dos pais da mesma. Mathias recorreu e venceu o processo⁴⁵.

Nos últimos anos de vida Bostem ficou só, sem descendentes, tendo por companhia alguns criados de longa data, uma vez que a família que lhe restava vivia na sua terra natal, Heerlen, que nesta altura ficara sujeita ao

43 “Avisos” in *Gazeta de Lisboa*, Suplemento do N.º XLIV (7 de Novembro de 1806). Sublinhados da autora.

44 PT/TT – CASA DA SUPPLICAÇÃO / FEITOS FINDOS / FUNDO GERAL, Letra M, Maço 2638.

45 PT/TT – CASA DA SUPPLICAÇÃO / FEITOS FINDOS / FUNDO GERAL, Letra M, Maço 2435.

império francês. Quanto aos Elvenich, que eram sobrinhos de Bostem por afinidade, apesar da aparente proximidade revelada pelo facto do mestre cravista ter sido padrinho de casamento quer de João José Elvenich, quer do seu filho Caetano Elvenich e de, em 1793, este último ter residido em sua casa, na Rua da Emenda, a verdade é que nenhum deles é mencionado por Bostem no testamento.

As implicações da ausência de descendentes próximos, no destino dos seus bens, foram desastrosas. Os testamenteiros nomeados por Mathias Bostem não agiram correctamente e toda a testamentaria acabou por ser embargada. A casa foi retirada a quem já a tinha comprado em leilão e passou a ser administrada pelo “Procurador dos Resíduos” até 1815, altura em que se organizou a venda em hasta pública.

Mathias Bostem nomeara para herdeiros os seus irmãos, ou os filhos destes. Para cumprir com essa disposição, os testamenteiros deveriam ter procedido a um inventário pormenorizado do que existia em casa, para se proceder à venda e dividir a quantia que daí resultasse pelos herdeiros. Como não o fizeram, não ficou registada a avaliação e descrição dos bens, nomeadamente dos cravos e dos materiais da oficina que seria uma fonte preciosa para percebermos verdadeiramente a dimensão da oficina de Bostem.

Entretanto um dos testamenteiros faleceu e foi necessário embargar a sua testamentaria para salvaguardar a de Bostem. O testamenteiro sobrevivente, pressionado pelo Juízo dos Resíduos conseguiu levar a tarefa até ao fim, mas de maneira muito insuficiente. Tudo o que já tinha sido vendido, com excepção da casa, foi apenas sumariado numa lista pouco descritiva. Nesta lista aparecem mencionadas as seguintes peças relativas à oficina⁴⁶:

Cravos	312\$600
Ferramenta	25\$900
Cobre e Latão	6\$400
Peles e Caixote	2\$000
Bocados de Madeira	8\$800
Prancha e Tábuas	19\$200
Banca e Empresa	6\$800

46 PT/TT - CASA DA SUPPLICAÇÃO / FEITOS FINDOS / INVENTÁRIOS, Letra M, Maço 284, CX 3034 (processo de Mathias Bostem – Apenso II, fl. 75).

Nem sequer o nome dos avaliadores dos cravos são referidos, somente a quantia que lhes terá sido paga pela avaliação (12\$800).

Só em 1820 se conseguiu dar por concluída a execução das disposições testamentárias de Bostem, sem que se consiga perceber quem adquiriu os cravos e os pertences da oficina.



Fig. 2

Espineta: “MATHIAS BOSTEM FECIT A LISBOA / 1785”.

Museu Imperial de Petrópolis, Sala 8.

Instrumentos sobreviventes das oficinas de Elvenich e de Bostem

Não se conhecem instrumentos da oficina de João Elvenich. Porém, note-se que a autoria de alguns instrumentos antigos sobreviventes continua por determinar. Em muitos casos, sucessivas reparações removeram as partes originais onde era habitual o mestre assinar. É, pois, possível que tenham

sobrevivido cravos da oficina de João Elvenich, mas que não estejam ainda identificados.

Quanto a Mathias Bostem, temos seis notícias acerca de instrumentos da sua oficina: quatro são referentes a instrumentos localizados e assinados (1 espineta, 1 pianoforte e 2 cravos convertidos) e duas continuam apenas na forma de notícia (2 cravos-de-martelos ou pianofortes).

Vejamos no quadro seguinte os quatro instrumentos sobreviventes e a informação conhecida até ao momento sobre os mesmos⁴⁷.

Instrumentos sobreviventes da oficina de Mathias Bostem

Data	Instrumento/ Localização actual	Proveniência
1777	PIANOFORTE (MUSEU MUNICIPAL DE TORRES NOVAS)	- COLÉGIO DAS TRINAS, EM LISBOA, ATÉ, PELO MENOS, 1899. - ANTÓNIO LAMAS - CARLOS REIS, PINTOR, MORADOR EM TORRES NOVAS (AQUISIÇÃO NO LEILÃO LAMAS, EM 1916) - MUSEU MUNICIPAL DE TORRES NOVAS (POR MORTE DO PINTOR, EM 1940 - LEGADO)
1786	CRAVO CONVERTIDO EM PIANOFORTE (MUSEU DA MÚSICA, LISBOA: MM 648)	- CONVENTO DAS FREIRAS DE SANTA CLARA, LISBOA - ANTÓNIO LAMAS - ALFREDO DA CUNHA (ADQUIRIDO NO LEILÃO LAMAS, EM 1916) - GERHARD DODERER (1974) - MUSEU DA MÚSICA (DESDE 1984)
1785 ⁴⁸	ESPINETA (MUSEU IMPERIAL DE PETRÓPOLIS)	- MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES, DO RIO DE JANEIRO (DOADO EM 1902 POR JOSÉ DA CUNHA PORTO) - MUSEU IMPERIAL DE PETRÓPOLIS (POR TRANSFERÊNCIA)
1789	CRAVO CONVERTIDO EM PIANOFORTE (MUSEU DA MÚSICA, LISBOA: MM 833)	- ANTÓNIO LAMAS - ? (ADQUIRIDO NO LEILÃO LAMAS, EM 1916) - GERHARD DODERER (1985) - MUSEU DA MÚSICA (DESDE 1999)

FONTES:

DODERER, Gerhard. "Aspectos Novos em Torno da Estadia de Domenico Scarlatti na Corte de D. João V (1719-1727)" in *Revista Portuguesa de Musicologia*, Vol. 1, Lisboa, INIC, 1991, pp. 167-168.

47 Para uma informação técnica pormenorizada sobre os quatro instrumentos cf. DODERER, Gerhard; MEER, John Henry Van Der. *Cordofones de Tecla Portugueses do Século XVIII: Clavicórdios, Cravos, Pianofortes e Espinetas*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2005, p. 139-seg., 150-seg., 186-seg. e 200-seg.

48 Relativamente a este instrumento, a autora da ficha de inventário do Museu Imperial de Petrópolis data-o de 1788 e Gerhard Doderer atribui-lhe a data de 1785, dado que confirma porque diz possuir fotografia da inscrição.

DODERER, Gerhard; MEER, John Henry Van Der. *Cordofones de Tecla Portugueses do Século XVIII: Clavicórdios, Cravos, Pianofortes e Espinetas*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2005, p. 139 seg., 150 seg., 186 seg. e 200 seg.

MIP – MELLO, Maria de Lourdes de. *Espineta*, Reg. 3.137, Proc. 39/40, Tomb. 1.734, fl. 54. (Ficha de Inventário do Museu Imperial de Petrópolis, 6 de Março de 1971).

[LAMAS, António]. Lista manuscrita do museu de instrumentos de António Lamas, s.l., s.d.

“7.º LEILÃO DE ANTIGUIDADES, OBJECTOS D’ARTE, OBJECTOS RAROS E UMA IMPORTANTE COLLECÇÃO DE INSTRUMENTOS MUSICAIS ANTIGOS”, *Catálogo da Casa Liquidadora, Antigo Basar Católico*, Proprietária e Gerente Maria Guilhermina de Jesus, Lisboa (Avenida da Liberdade), 1916.

Relativamente à descrição deste conjunto de instrumentos, levantam-se algumas dúvidas acerca da informação do cravo convertido em pianoforte, datado de 1789. A referência feita por Gerhard Doderer, de que o instrumento terá pertencido à colecção Lamas, não encontra eco na lista manuscrita que António Lamas fez do seu Museu⁴⁹, nem das listas dactilografadas e catálogo da leiloeira⁵⁰ que identificam apenas a existência de dois cravos-de-martelos de Mathias Bostem, o de 1777 e o de 1786.

Existia na colecção um terceiro cravo, que António Lamas identificou como sendo de autor anónimo, com sistema de alavancas para os abafadores e de factura anterior aos dois anteriores. O instrumento de 1789, identificado por Gerhard Doderer como pertencendo à colecção Lamas, está assinado e é de datação posterior ao anónimo da colecção Lamas. Não é muito provável que a assinatura tivesse passado despercebida a António Lamas.

Do ponto de vista da conservação ou alteração dos instrumentos, sabemos que António Lamas mandou reparar, pelo menos um dos seus cravos, a “Simões Baptista & C.^a, marceneiros e carpinteiro, Rua de S. Bento, N.os 20-23 (por detrás do mercado)”⁵¹. A lista da despesa é relativa à mão-de-obra do marceneiro, do polidor e do pintor. Não temos a certeza se os instrumentos de Bostem também foram intervencionados pela firma Simões Baptista, mas há uma forte possibilidade. Talvez os marceneiros fossem vistos como os artífices que melhor entendiam os instrumentos antigos, porque no princípio do século XX os construtores de cravos, em Portugal, estavam extintos,

49 [LAMAS, António]. Lista manuscrita do museu de António Lamas, s.l., s.d. (em posse da família).

50 “7.º LEILÃO DE ANTIGUIDADES, OBJECTOS D’ARTE, OBJECTOS RAROS E UMA IMPORTANTE COLLECÇÃO DE INSTRUMENTOS MUSICAIS ANTIGOS”, *Catálogo da Casa Liquidadora, Antigo Basar Católico, Proprietária e Gerente Maria Guilhermina de Jesus*, Lisboa (Avenida da Liberdade), 1916.

51 MM, Lisboa. Epistolário António Lamas, factura de Simões Baptista & C.^a, de 28.04.1906, passada em nome do violinista espanhol José Bonet.

restando apenas os afinadores que, em muitos casos, eram especializados numa determinada marca estrangeira.

Quanto aos instrumentos cuja existência nos foi dada a conhecer por via documental, vejamos quais são e as respectivas descrições no quadro seguinte.

Notícias de instrumentos da oficina de Mathias Bostem

Data	Designação	Descrição
1793	Cravo de martelos	«QUEM QUISER COMPRAR HUM CRAVO DE MARTELLOS NOVO, DE 5 OITAVAS, COM CAIXA DE PÁO <i>MAGNO</i> , GUARNECIDA COM SEUS FILETES EM TODA, ACABADO COM TODA A PERFEIÇÃO PELO SEU AUTHOR <i>MATHIAS BOSTEM</i> , CRAVISTA DE S. M., QUE MORA NA RUA DA <i>EMENDA</i> , ONDE SE PODERÁ SABER QUEM HE SEU DONO, PARA COM ELLE SE AJUSTAR A COMPRA.»
1837	Cravo de martelos	«HUM CRAVO DE MARTELOS, DE MATHIAS, DE VINHATICO COM PÉS PINTADOS, RASPADO, E LUSTRADO A SÊRA PÔR TODAS AS CORDAS, E ARRANJAR-LHE O TECLADO O MILHOR POSSÍVEL (...) LISBOA DEZ DE MAIO DE MIL OITO CENTOS E TRINTA E SETTE = JOÃO BAPTISTA ANTUNES.»

FONTES:

“Avisos” in *Gazeta de Lisboa*, n.º XXX, 27 de Julho de 1793 (Suplemento extraordinário).

PT/TT – Ministério do Reino, Maço 2127. (Exame feito por João Baptista Antunes aos instrumentos transferidos da Aula de Música da Casa Pia para o Conservatório no Convento dos Caetanos).

O instrumento anunciado em 1793 não era novo, uma vez que Mathias refere a existência de um dono com quem se ajustará o preço. A data, em princípio, será anterior a 1793.

Relativamente ao instrumento trazido da Escola de Música, que funcionou durante o ano de 1835 na Casa Pia de Belém, convém reter um aspecto importante referido no documento de 1837: a reparação que lhe é feita é da autoria de um mestre artesão da terceira geração de construtores da família Antunes. Esse facto é um exemplo demonstrativo de muitas outras intervenções que terão sido feitas nos instrumentos por artesãos com métodos e estilos claramente distintos dos autores originais.

Este factor tem que ser tomado em conta actualmente, quando se procura compreender instrumentos que encerram em si elementos correspondentes

a estilos de construção diversos. Pode, por exemplo, incorrer-se no erro de pensar que existiu colaboração entre artesãos de oficinas diferentes, situação que a própria lógica da transmissão do saber oficial em Portugal, no século XVIII e início de XIX, contraria. Só a inexistência de filhos poderia ocasionar a contratação de estranhos à família, que ainda assim trabalhariam sob as ordens do mestre e não em oficinas autónomas.

Descendência de João Elvenich e Mathias Bostem: que profissões seguiram.

Dos três filhos de Elvenich sobreviventes ao terramoto, Leonor Joachina Elvenich, João José Elvenich e Luis Manoel Elvenich, apenas o segundo parece ter conseguido atingir a maioridade.

João José Elvenich seguiu a profissão de escultor, que aprendeu em Maфра⁵² com Alexandre Giusti e tornou-se primeiro ajudante da Casa de Escultura por volta de 1772⁵³. Veio a trabalhar com Joaquim Machado de Castro, tendo participado na execução das esculturas adjacentes da estátua equestre⁵⁴.

Um dos seus filhos, Caetano Elvenich, pede para ser nomeado Sargento de Mar-e-Guerra, em atenção aos serviços prestados por seu pai e seu avô. Progressivamente, a família Elvenich afastou-se do espaço oficial.

Quanto a Bostem, apesar de não ter deixado descendência, o seu filho, que morreu jovem, não apareceu, até este momento, mencionado como oficial de cravos nas fontes coevas. As referências à sua actividade profissional ligam-no à indústria do pão e aos negócios com produtos alimentares e quinilharias que enviava para o Brasil⁵⁵.

52 AHBM – ARQUIVO PAROQUIAL ANTIGO, Maço B.1/11 (Processo da justificação do casamento e dos óbitos de João Elvenich e Ana Josefa, em 1766).

53 ANDRADE, Maria Francisca de Oliveira. (org.) *Documentos para a História da Arte em Portugal*, Vol. X, (Arquivo Histórico Ultramarino – Reino – Núcleo de pergaminhos e papéis dos séculos XVII a XIX), Lisboa, FCG, 1972, p. 51.

54 Cf. MACHADO, Cyrillo Volkmar. *Collecção de Memorias relativas às vidas dos pintores, e escultores, architectos, e gravadores portuguezes...*, Lisboa, Imp. de Victorino Rodrigues da Silva, 1823, p. 263 e 266.

55 PT/TT - REGISTO GERAL DE TESTAMENTOS, Livro 330, f. 82-84v. (Testamento de António Bostem).

Algumas reflexões em torno da bibliografia produzida acerca de Elvenich e Bostem até este momento

A escassa informação de que dispomos acerca dos construtores de instrumentos musicais, principalmente dos mestres de fazer cravos e pianos, conduz-nos invariavelmente a Michel'angelo Lambertini (1862-1920), que pode ser considerado o primeiro organólogo português, a Sousa Viterbo (1845-1910)⁵⁶ e a Ernesto Vieira (1848-1915), que, de resto, colaboraram com Lambertini e publicaram grande parte dos seus artigos sobre esta temática no periódico “A Arte Musical”⁵⁷.

Sobre os construtores de instrumentos musicais, para além da autoria de artigos no referido periódico, na maior parte dos casos ainda não superados, Lambertini publicou ainda em 1914 a “Industria Instrumental Portuguesa. Apontamentos” e foi o editor do “Diccionario Biographico dos Musicos Portugueses”, de Ernesto Vieira, acabado de publicar em 1902⁵⁸.

Vejamos o que referem estas fontes acerca de Elvenich e Bostem.

Relativamente a João Elvenich, Viterbo foi quem detectou a carta de mercê passada por D. Maria Ana de Áustria, mas indiciou-o primeiramente como violeiro⁵⁹, talvez por causa da duplicidade profissional referida no documento, que o apresenta como «mestre de fazer estromentos de rabeças, rabeções e cravos».

Esta mesma fonte leva Lambertini a considerar acerca de Elvenich que as «(...) multiplas aptidões de violeiro e de constructor de cravos (?) nos não dão garantia solida de grande perfeição (...)»⁶⁰.

56 Os artigos de Sousa Viterbo, compilados postumamente, foram publicados em 1911 no *Boletim da Associação dos Archeologos Portuguezes*, Tomo 12, sob o título “Subsidios para a Historia da Musica em Portugal” e anos mais tarde, em 1932, pela Imprensa da Universidade de Coimbra.

57 Ainda é possível ver anotado a lápis na margem de alguns livros da Casa das Rainhas, guardados na Torre do Tombo, «Publicar na Arte Musical».

58 Acerca da história da publicação deste dicionário e dos motivos que levaram ao arranque editorial do periódico “A Arte Musical” v. a entrada n.º 208 do catálogo da exposição “Michel'Angelo Lambertini: 1862-1920”, Ana Paula Tudela... [et al.] – Lisboa, IPM/MM, 2002, pp. 228-229.

59 VITERBO, F. M. de Sousa. “Curiosidades Musicaes” in *A Arte Musical*, Ano XI, N.º 260 (Lisboa, 15 de Outubro de 1909), p. 247.

60 LAMBERTINI, Michel'angelo. *Industria Instrumental Portuguesa (Apontamentos)*, Lisboa, Typ. Do Annuario Commercial, 1914, p. 10.

Penso que Lambertini foi um pouco precipitado no julgamento. Em primeiro lugar porque não eram, e ainda não são, conhecidos instrumentos sobreviventes para uma avaliação fundamentada e em segundo lugar porque temos fortes indícios de que Mathias Bostem, ainda muito jovem, trabalhou com Elvenich, e que talvez tenha sido seu aprendiz ou oficial. Dada a comprovada qualidade de Mathias Bostem, por meio dos instrumentos da sua autoria que se conhecem, existe alguma possibilidade de João Elvenich ter sido um mestre competente.

Em suma, sobre João Elvenich, para além de que é alemão, que construiu rabecas, rabecões e cravos e que obteve mercê para oficial da Casa das Rainhas, nada mais é apurado por estes autores. Ernesto Vieira nem contemplou entrada para este artífice no seu dicionário, certamente porque a descoberta foi posterior à publicação da obra.

Passados noventa e um anos, a mais recente publicação sobre o assunto⁶¹, na entrada biográfica de Elvenich, reproduz a informação dos autores do início de 1900, bem como a ortografia do apelido “Esvenich” que aqueles usaram.

A inexistência de instrumentos sobreviventes, ou pelo menos conhecidos, da autoria de Elvenich terão certamente contribuído para uma menor procura de informação relativa a este mestre artesão.

No que diz respeito a Mathias Bostem, a informação é mais dilatada, porém portadora de alguns equívocos.

Começemos por Sousa Viterbo que, em 1901, na rubrica “tangedores da capella real”, publicada em *A Arte Musical*, introduz uma entrada para “Mathias Boston” e justifica a referência a Bostem nesta temática com o facto de ter encontrado alguns construtores de órgãos entre os tangedores da capela real⁶². Viterbo refere que o construtor é estrangeiro, que é mestre de cravos da Real Câmara e que desempenhou esse cargo nos primeiros anos do século XIX. Dá ainda a notícia de dois anúncios publicados na Gazeta de Lisboa, em 1806, que informam sobre o leilão a que se ia proceder, por morte de Mathias Bostem, para venda dos seus bens.

61 DODERER, Gerhard e MEER, John Henry van der. *Cordofones de Tecla Portugueses do Século XVIII: Clavicórdios, Cravos, Pianofortes e Espinetas*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2005, p. 23.

62 VITERBO, F. M. de Sousa. “Os tangedores da capella real” in *A Arte Musical*, Ano III, N.º 60 (Lisboa, 30 de Junho de 1901), p. 126.

Esta notícia não veicula informação errada, apenas a referência é insuficiente acerca do período em que Mathias desempenhou o cargo de mestre de cravos da Real Câmara, que foi efectivamente de 1766 a 1806 e não só nos primeiros anos do século XIX.

Passando a Ernesto Vieira, este autor dedicou duas entradas a Mathias Bostem no seu dicionário, ambas em suplemento⁶³. Na primeira dá a notícia de um cravo de martelos assinado por Bostem e datado de 1777, existente no Colégio das Trinas. Na segunda alarga-se ao campo biográfico, apresentando a data e o local do óbito e um anúncio publicado por Mathias Bostem em 1793 na Gazeta de Lisboa, que anuncia a venda de um cravo de martelos, construído por si, na sua casa da Rua da Emenda. Vieira afirma que este foi o único anúncio publicado por Bostem. Esse facto indica-nos que o autor escrutinou a Gazeta de Lisboa pormenorizadamente, porque de facto não se encontram mais anúncios publicados naquele periódico por Bostem, que apenas volta a ser referido postumamente, a propósito do leilão dos seus bens, em 1806.

Reflectindo sobre o conjunto de informação que começava a reunir, Vieira fez ainda algumas considerações sobre a actividade profissional do artífice.

Nesta altura convém reter algumas das afirmações feitas por Ernesto Vieira, porque contêm raciocínios que viciaram o entendimento da questão até aos nossos dias e que são as seguintes:

Que Bostem foi o segundo (depois de Manuel Antunes) que em Lisboa construiu cravos-de-martelos e o primeiro que, entre nós, lhes deu o nome de pianoforte.

Que trabalhou desde época anterior a 1777, data que tem o instrumento por ele construído, existente no colégio das Trinas, mas que não podia ter começado muito antes porque em 1760 o privilégio de construir a nova invenção de cravos-de-martelos tinha sido concedido por dez anos a Manuel Antunes.

Estas afirmações assentam na inexistência de estudos sobre o conjunto dos construtores desta época. A título de exemplo, em 1745, o mestre inventor Manuel Angelo Vila publicou uma espécie de catálogo dos instrumentos que

63 VIEIRA, Ernesto. *Diccionario Biographico de Musicos Portugueses – Historia e Bibliographia da Musica em Portugal*. – Vol. II, Lisboa, Lambertini, [1900], p. 420 (1.º Suplemento), pp. 482-483 (2.º Suplemento)

construía, entre os quais são mencionados os pianofortes⁶⁴, destruindo assim a ideia de que Bostem foi o segundo a construir pianofortes e o primeiro a usar a denominação.

Relativamente às datas de construção de pianofortes por Mathias Bostem, a dedução é feita por Vieira tendo como ponto de partida os instrumentos sobreviventes do artífice e a interpretação que fez do privilégio de Manuel Antunes, que entendeu como a protecção de todo instrumento e não apenas de uma das suas partes mecânicas⁶⁵. Para esclarecer este ponto faltam-nos instrumentos de data anterior a 1770 ou contratos para a construção dos mesmos.

Vieira conclui ainda que Mathias Bostem parece ter feito «boa fortuna no exercício da sua industria, pois a casa onde residia e trabalhava era propriedade sua (...)»⁶⁶. Trata-se pois de mais um raciocínio que assenta no desconhecimento dos meios complementares de sobrevivência do artífice, que geriu sempre outros tipo de negócios, como a casa de pasto na década de 1760, na Calçada da Estrela e posteriormente uma fábrica de pão que manteve até ao fim da sua vida, como já referi atrás.

Lambertini subscreveu os raciocínios de Vieira apontando 1770, data da expiração do privilégio de Manuel Antunes, para o início da construção de pianofortes por Mathias Bostem⁶⁷. Acrescenta que conhece apenas dois cravos deste autor, em posse de António Lamas⁶⁸. Na análise que faz acerca da fabricação de instrumentos de teclado no século XVIII, Lambertini coloca Mathias entre os construtores de melhor qualidade⁶⁹.

Depois destes autores, além de pequenos apontamentos que retiraram a informação das obras que acabo de referir, só vale a pena destacar as obras que afirmaram algo de novo.

64 VILLA, Manoel Angelo. *Lista Noticiosa dos instrumentos, e Artefactos phisicos, e Mathematicos, que se fabricão, e se vendem nesta cidade de Lisboa, em casa de Manoel Angelo Villa, Professor operario dos ditos Instrumentos*. Lisboa, Ofic. de Antonio Isidoro da Fonseca, 1745.

65 Este ponto está pormenorizadamente explicado na já referida obra em processo de edição sobre os mestres de cravos da família Antunes.

66 VIEIRA, Ernesto. *Diccionario Biographico de Musicos Portugueses – Historia e Bibliographia da Musica em Portugal*. – Vol. II, Lisboa, Lambertini, [1900], pp. 482-483 (2.º Suplemento).

67 LAMBERTINI, Michel'angelo. *Industria Instrumental Portuguesa*, Lisboa, 1914, p. 8 (nota 4).

68 Idem.

69 Ibidem, p. 10.

Assim, em 1985, no âmbito da tese de doutoramento⁷⁰, o musicólogo francês Joseph Sherpereel avançou com algumas reflexões acerca de Mathias Bostem. A propósito do ordenado anual que Bostem recebia enquanto cravista de Real Câmara, Sherpereel refere que «(...) deverá notar-se que Mathias Bostem, o afinador dos cravos da Real Câmara e da Ópera, ganhava o mesmo que os outros músicos da orquestra, 260\$450 rs. o que causa uma certa admiração em relação a um simples afinador.⁷¹»

Relativamente ao pagamento do afinador de cravos ser elevado por comparação com os músicos, não disponho ainda de dados suficientes para explicar esta questão. Posso apenas adiantar, contudo, que nem Mathias Bostem era um simples afinador, mas sim um mestre afinador e construtor e que nem todos os músicos ganhavam na ordem dos 300\$000 reis por ano, por exemplo, David Peres que, se bem que foi mestre de capela, em 1756, recebia 2.000\$000 anuais⁷². Entre os próprios músicos existiam diferenças.

Procurando explicações para o facto, Joseph Sherpereel prossegue: «Ora no registo das Desobrigas de 1798 da paróquia da Encarnação, na Rua da Emenda, encontra-se um “Mathias Bosthen, cravista” e, num anúncio publicado na Gazeta de Lisboa de 1793 intitula-se “cravista de S. M.”. Não é pois impossível que, para além das suas ocupações como afinador e construtor de cravos, tivesse também a seu cargo a parte de acompanhamento cravístico da Orquestra da real Câmara.»

Para esta questão já tenho elementos que me permitem afirmar, praticamente sem margem para dúvidas, que Bostem não terá desempenhado o cargo de instrumentista.

A palavra cravista é frequente nas fontes coevas a partir de meados do século XVIII para designar o construtor de cravos e de pianofortes⁷³. Na primeira metade do século XVIII aparece quase sempre como carpinteiro de cravos. A progressiva afirmação social deste grupo de artesãos e a falta de um termo próprio adequado levou a que se apropriasse da designação usada pelos

70 SCHERPEREEL, Joseph. *A Orquestra e os Instrumentistas da Real Câmara de Lisboa de 1764 a 1834 – Documentos inéditos*, F. C. G., Serviço de Música, 1985. (Tese de Doutoramento apresentada na Univ. Southern Califórnia. Orientador Prof. Arend Koole, Trad. de Maria Fernanda Cidrais).

71 Idem, p. 52.

72 PT/TT – CASA REAL, Caixa 3094.

73 A título de exemplo da documentação a que me refiro temos o lançamento da décima (imposto profissional) e os processos cíveis.

músicos. Algumas vezes, para marcar a diferença entre as duas profissões, o termo cravista é acompanhado da expressão “de manufactura”⁷⁴.

Por outro lado, se fizermos um exercício de raciocínio e tentarmos imaginar o efeito que a dura actividade de artesão terá nas mãos e a falta de tempo para a prática intensiva, chegamos à conclusão que Bostem não teria o nível de *performance* exigido para se apresentar em espectáculos públicos perante a corte.

Outro dado que nos poderá ajudar a esclarecer este ponto é o facto dos músicos profissionais serem obrigados a estar inscritos na Irmandade de Santa Cecília e de Mathias Bostem não constar no livro de registo dos irmãos. Note-se ainda que nos estatutos da referida irmandade estava consagrada a proibição de serem admitidos para irmãos aqueles que tivessem ofícios mecânicos⁷⁵. Não me parece portanto que as duas práticas fossem profissionalmente compatíveis.

Passados vinte anos sobre a tese de Joseph Scherpereel, numa obra recente do organólogo Gerhard Doderer em co-autoria com John van der Meer, Mathias Bostem é apresentado, pela primeira vez, com o nome de Carlos Mathias Bostem⁷⁶.

Esta denominação é a fusão de duas pessoas distintas, como passo a demonstrar:

1.^a) O marceneiro Carlos Mathias foi baptizado na freguesia de São Jacob, da cidade de Gutemberg, arcebispado de Praga, Reino da Boémia, é filho de Joze Mathias e de Catharina Mathias e casou com Susana Maria Nebrim, baptizada na freguesia de Santa Cruz da cidade e bispado de Wirsburg, reino da Alemanha⁷⁷;

2.^a) O mestre de cravos Mathias Bostem foi baptizado na freguesia de Sam Jacob, Vila de Heerlen, Província de Limburgo, é filho de Leonard

74 A questão do uso da terminologia “cravista” e mais tarde “pianista” por parte dos artesãos é explicada pormenorizadamente e com exemplos que acompanham a actividade nos séculos XVIII e XIX, no estudo atrás mencionado acerca da família Antunes.

75 AHISC/MF (BASÍLICA DOS MÁRTIRES) - *Original do Cômpromisso de S.^a Cecilia Consedido por El R. D. Joze Primeiro No An.^o de 1766*, Capítulo I, artigo 4.^o

76 DODERER, Gerhard e MEER, John Henry van der. *Cordofones de Tecla Portugueses do Século XVIII: Clavicórdios, Cravos, Pianofortes e Espinetas*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2005, p. 20.

77 IAN/ TT - REGISTOS PAROQUIAIS, Lisboa, Freguesia das Mercês – Casamentos, Livro 2, fl. 248v.

Bostem e de Anna Maria e casou com Sabina Leonor baptizada na Igreja de São Paulo, em Lisboa⁷⁸.

3.^a) Nos registos da Décima de Lisboa (imposto) e nos registos da Desobriga (confissão da Quaresma) encontramos os dois artesãos em moradas diferentes, com os nomes e profissões correctas, na mesma data. Por exemplo, em 1769, o mestre marceneiro Carlos Mathias morava na Rua do Almada, lado direito, N.º 58⁷⁹ enquanto o mestre de cravos Mathias Bostem residia na Calçada da Estrela, junto ao Poço de D. João, no palácio de D. Francisco Xavier Pedro de Souza⁸⁰

A título de reflexão analisemos as pistas que conduziram Doderer e van der Meer a pensarem que Carlos Mathias e Mathias Bostem eram um só. A primeira diz respeito a um trabalho pago a Carlos Mathias, relacionado com um cravo para uso de D. Mariana Vitória, mulher de D. José I, em 1756⁸¹. A segunda é a referência do nome de Carlos Mathias numa votação feita pelo ofício de carpinteiro de móveis e semblagem acerca da vontade dos juizes desta corporação de revogarem a lei que os impedia de cobrar uma certa soma pelos exames do ofício⁸².

No que diz respeito à primeira pista, a questão que se coloca é: porque é que um marceneiro, Carlos Mathias, aparece relacionado com a construção de um cravo, quando os marceneiros portugueses, por regimento, não o deviam fazer? Para esta questão não tenho certezas, apenas hipóteses. A quantia paga pela princesa D. Mariana Vitória a Carlos Mathias pelo “feito do cravo”, em 1756, pode dizer respeito à decoração da caixa exterior e pés. No entanto, se vier a confirmar-se que a quantia diz respeito à construção de um cravo, a situação pode explicar-se pelo facto de Carlos Mathias ser estrangeiro e estar inserido dentro daquela categoria de artesãos que conseguiam exercer várias especializações sem o controle corporativo. Talvez em 1756 Carlos Mathias

78 IAN/ TT - REGISTOS PAROQUIAIS, Lisboa, Freguesia das Mercês, Casamentos, Livro 3, Rolo 1037, f. 264.

79 AHTC – DÉCIMA DA CIDADE DE LISBOA, Freguesia de Santa Catarina, Maço DC 308 M, fl. 12v.

80 IPSV – Livros das desobrigas, ano de 1769 (Calçada da Estrela / Poço De D. João, a seguir ao Pateo das Trinas-Francesinhas), fl s/n.º.

81 Cf. BRITO, Manuel Carlos de. “Alguns dados inéditos sobre instrumentos musicais em Portugal no século XVIII” In *Estudos de História da Música em Portugal*, Lisboa, Ed. Estampa, 1989, p.157.

82 Cf. LANGHANS, Franz-Paul. *As Corporações dos Ofícios Mecânicos – Subsídios para a sua história*. Vol. I, Lisboa, Imprensa Nacional de Lisboa, 1943, pp. 509-510.

ainda não se tivesse naturalizado e não fizesse parte da Casa dos 24, advindo daí a sua liberdade de acção profissional.

Relativamente à segunda pista, a questão que se põe é: Será o Carlos Mathias, que aparece nas votações da Casa dos 24, o mestre Mathias Bostem? Neste caso posso avançar com certezas e afirmar que o Carlos Mathias não é o Mathias Bostem:

1º) O mestre de cravos Mathias Bostem nunca se naturalizou, por isso não poderia pertencer à Casa dos 24, nem participar nas votações dos ofícios.

2º) Em 1773, data da votação referida, Bostem já tinha sido nomeado afinador da Casa Real. Mesmo que fosse português, os privilegiados não podiam servir na Casa dos 24.

Esta certeza levou-me a investigar Carlos Mathias, que acabei por encontrar. Os resultados da investigação revelaram-me a existência de duas pessoas (o mestre de cravos e o mestre marceneiro) que, curiosamente, se relacionavam. A mulher de Mathias Bostem foi madrinha de baptismo de uma das filhas de Carlos Mathias⁸³.

De referir também que a data do anúncio colocado por Mathias Bostem na Gazeta de Lisboa para vender um cravo de martelos da sua autoria, que Doderer e van der Meer apresentam como sendo de 1773⁸⁴, é na realidade de 1793⁸⁵, conforme já Ernesto Vieira mencionara no seu dicionário. Em 1773 Mathias ainda não vivia na Rua da Emenda, como é referido no anúncio e a publicação da Gazeta de Lisboa estava suspensa desde 1762, tendo sido retomada apenas em 1778.

A reprodução da data errada deste artigo tem ocasionado que se tirem conclusões precipitadas acerca da data em que Bostem terá começado a construir cravos-de-martelos, ou seja, pianofortes.

Na nota biográfica de Mathias Bostem, da obra em análise, existe ainda alguma confusão acerca das datas de desempenho do cargo de Cravista da Real Câmara, que não foi entre 1770 e 1790, mas entre 1766 e 1806, bem

83 PT/TT - REGISTOS PAROQUIAIS, Freguesia de Santa Catarina, Baptismos, Livro 14, fl. 258 (Rolo 1067).

84 DODERER, Gerhard e MEER, John Henry van der. *Cordofones de Tecla Portugueses do Século XVIII: Clavicórdios, Cravos, Pianofortes e Espinetas*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2005, p. 20.

85 “Avisos” in *Gazeta de Lisboa*, N.º XXX, (Sabado, 27 de Julho de 1793) – Suplemento Extraordinário.

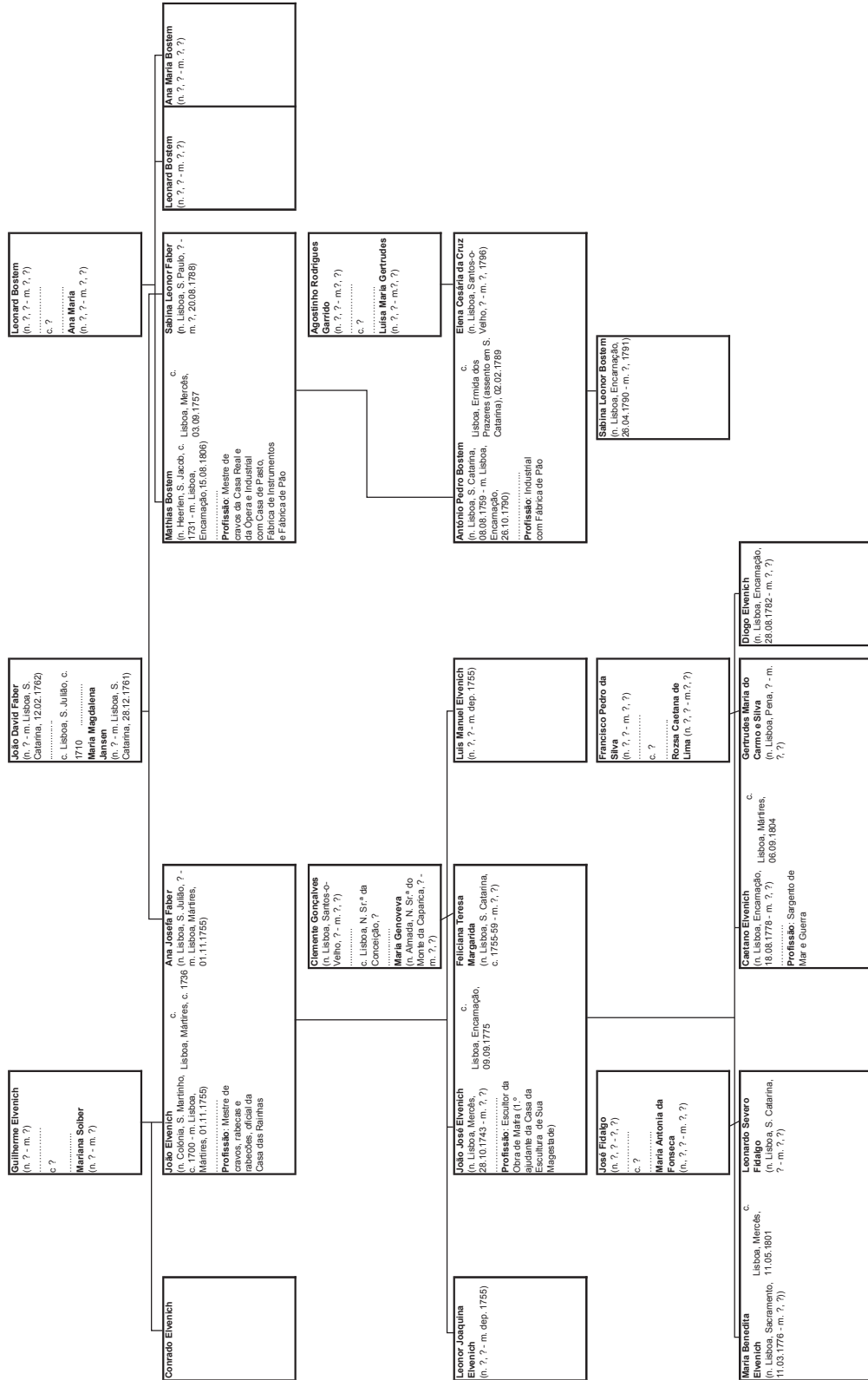
como das quantias recebidas por esse cargo, que já expliquei, quando tratei do assunto no capítulo “O lugar de afinador da casa real...”.

Abreviaturas

AHINCM – Arquivo Histórica Imprensa Nacional Casa da Moeda
AHBM – Arquivo Histórico Basílica dos Mártires
AHISC/MF (Basílica dos Mártires) – Arquivo Histórico Irmandade de Santa Cecília/
Montepio Filarmónico
AHTC – Arquivo Histórico Tribunal de Contas
AHPL – Arquivo Histórico do Patriarcado de Lisboa
PT/TT – Portugal / Torre do Tombo
IPSV – Igreja Paroquial de Santos-o-Velho
IPNSM/CJ – Igreja Paroquial de N.^a Sr.^a das Mercês / Convento de Jesus
MIP – Museu Imperial de Petrópolis
MM, Lisboa – Museu da Música

Anexo I

Genealogia dos mestres de fazer cravos João Elvenich e Mathias Bostem: família e profissões em Portugal



Anexo II

Justificação do casamento e falecimento de João Elvenich e Ana Josefa: Assentos reformados depois do terramoto de 1755

Fonte:

AHBM – Arquivo Paroquial Antigo, Maço B.1/11 (6 folhas sem numeração).

[Fl. 1]

[Capilha]

«Em 3 de Julho de 1766

João Joze Elvenich

Camara Patr.al

Justificação de Recebimento dos Pays do Supp.e e falecimentos dos mesmos».

[Fl. 2]

[Requerimento]

«Ex.mo e R.mo S.or

Dis João Joze Elvenich filho de João Elvenich e de Anna Jozefa q' p.^a bem de sua justissa lhe he nesario q' o parrcho da freguezia de N. S. dos Martes desta Corte lhe pase por certidão o dia mes e anno em q' os ditos seus pais se rreberam em a d^a freguezia como tambem lhe passe Certidão do dia mes e anno em q' ambos faleceram q' foi no dia do terremoto ficando debacho das cazas em q' moravam; e por q' os livros dos asentos da d.^a freguezia se queimaram quer o sup.te justificar p.rante o parrcho da d.^a freguezia, Em Como os d.os seus pais se rreberam e morreram nella e q' justificada a verdade o d.^o parrcho lhe abra novos asentos e delles lhe passe certidão em modo q' fassa fée,,

P. A V. Ex.^a lhe fassa m.ce mandallo asim.

E R M.ce»

[Despacho]

«Justifiqu. Lx.^a 22 de Junho de 1766. Costa [assinatura]»

[Fl. 2v.]

[Requerimento]

«Ex.mo R.mo Sr.

Diz o Supp.e que apresentando o despacho retro ao R. Parroco da Freg.^a dos Martires este duvida que as testemunhas justifiquem na sua presença para informar, e o remete p.^a a curia Patriarcal, e porq' elle Supp.e he pobre, e não pode fazer as despesas de huma sentença, por ser orfam de Pay, e May, e estar aprendendo o officio de Escultor de pedra nas Reaes obras de Mafra, onde apenas tem com q' se sustente,,

P. a VEx.^a seja servido mandar que as testemunhas justifiquem na presença do Parroco, e este informe a VEx.^a para mandar o q' for servido

E.R.M.»

[Despacho]

«Está deferido. Costa [assinatura]»

[Fl. 3]

[Depoimento de João Valentim Felner]

«Aos dous de Julho de mil Setecentos e Sessenta Seis annos na Camara Patr. al o [Escr p.e] Comigo off.al mayor fizemos a Just.am Seg.te e com o P.^o Fernando Joze Al'z a escrevi

João Valentin Ferner Instrumentista de S. Mag.de m.r ao Pombal freg.^a de S. Izabel de id.e de Sincoenta annos test.^a jurada aos Santos Evang.os e do costume disse ser comp.^o dos Pays do d.^o Just.e

E sendo proguntado pelo Contheudo na justi.ção do Just.e João Joze Elvinich disse, que o Conhece m.to bem desde seu nascim.to; e Sabe que he f.^o Leg.^o de João Elvinich; e de Anna Jozefa, e Sabe que Se receberão na freg.^a de Nossa Senhora dos Martires desta Cid.e havia trinta annos [Conforme disse] e os Conheceu ainda Solteiros, ella era m.^a na rua Nova do Almada pertencente a d.^a freg.^a de Nossa Senhora dos martires, porem delle não Sabe onde era m.r, e que erão mr.es ao tempo do terramoto na freg.^a de Nossa Senhora dos Martires na rua da Oliveirinha, segundo ouvio dizer, o nome da rua, aonde falecerão pelo terramoto nas mesmas Cazas, a que foy fama Constante, e publica por Se abaterem as **[fl. 3v.]** ditas Cazas, e Sempre tambem lhe ouvio

dizer aos mesmos Pays do d.º Just.e Serem recebidos na Sobred.ª freg.ª dos Martires, o que Sabe pelo mais de Ser Seu Comp.º, e Com grande amizade, e tratam.to em sua caza; e he o que disse, e assinou Comº Eu q.e com o P.º Fernandes Joze Al'z a escrevi:

[rubrica]

João Valentim Felner [assinatura]»

[Depoimento de Tomás José Felner]

«Thomas Joze Fernes Instrm.ta de S. Mag.e m.r na rua da Madre de Deos freg.ª de S. Izabel de id.e de quarenta tres annos test.ª jurada aos Santos Evang. os e do costume nada

E proguntao disse que Conhece ao Just.e João Joze Elvenich de Sua infancia, e Sabe que he f.º Leg.º de João Elvenich; e de Anna Jozefa Faber, e Sabe que os dois forão recebidos na freg.ª de Nossa Senhora dos Martires desta Cid.e, e os Conheceu a ambos Solteiros elle m.r no Sitio das chagas nas Cazas de D. Ant.º Al'z da Cunha, e ella ao chiado freg.ª de Nossa Senhora dos Martires, e pelo terramoto moravão no destricto da mesma freg.ª no Sitio da Oliveirinha aonde falecerão debaixo das ruinas das d.as Cazas, o que foi fama Constante Sem [fl. 4] couza em Contr.º; o que tudo Sabe por Ser Seu am.º, e com cumunicação, e tratam.to em sua Caza; [e he] o q' disse, e assinou com.º e Eu que com o P.º Fernando Joze Al'z a escrevi:

[rubrica]

Tomas Jose Fêlner [assinatura]»

«E feita a Just.am Supra dey vista della ao R. D.or Prom.or com o P.º Fernando Joze Al'z a escrevi.

V.ta ao R. D.or Prom.or com [200 rs]»

«Fiat Jus.ta

O Prom.or Mir.da [assinatura]»

«E feita a Just.am Supra fis este Sumr.º concluzo com o P.º Fernando Joze Al'z a escrevi: V[ista] Com quatro centos r.s.»

[Despacho]

«Reforse a justificação, ainda q' seja com test.as parentes, e que deponhão com mais individuação sobre o domicilio, que os pays do supp.e tinham no tempo do Terremoto, e se depois apparecerão, ou algum delles. Lx.^a 5 de Julho de 1766.

Costa [assinatura]».

[Fl. 4v.]

[Depoimento de Mathias Bostem]

«Aos outo de Julho de mil Sete centos e Sesenta e Seis annos na Cama^a Patr. al Continua a Just.ão Seg.te [Com^o Eu q.e] com o P.^o Fernando Joze Al'z a escrevi:

Mathias Bostel M.e de Cravos m.r na Calsada da Estrella freg.^a de Santos de id.e de trinta e quatro annos test.^a jurada aos Santos Evang.os

E preguntado disse que Conhece ao Just.e João Joze Elvinich por ser casado elle test.^a Com huã Irmã da May do Just.e e Sabe que este he f.^o Leg.^o de João Elvinich; e de Anna Jozefa Faber sendo moradores ao pe da Cordoaria Velha e freg.^a de Nossa Senhora dos Martires e elle test.^a assestia em Sua Comp.^a, e sabe, que no dia do terramoto ficarão sepultados no d.^o dia nas d.as Cazas, em que morvão por estas Se abaterem Com mais quatro Irmãos do d.^o Just.e, e duas pretas Sem haver noticia de nenhu athe o presente, o que Sabe pela razão que declara de Ser Seu parente, e da mesma Caza; [e he o q'] disse, e assina [Com^o Eu q.e] com o P.^o Fernando Joze Al'z o escrevi:

[rubrica]

Mathias Bosten [assinatura]».

[Fl. 5]

[Depoimento de Henrique José Felner]

«Henrique Joze Felner Instrum.ta de Sua Mag.de m.r ao Pombal freg.^a de S. Izabel de id.e de quarenta e nove annos test.^a jurada aos Santos Evang.os e do costume nada.

E proguntado disse que Conhece ao Just.e João que [por o sobrenome não prova] sendo como era Comp.^o de Seus Pays João Elvenich, e Anna Jozefa, Segundo ouvio sempre chamar Com o nome de Jozefa [S^o] m.rs na rua da

Oliveirinha junto a Cordoaria Velha freg.^a de Nossa Senhora dos Martires pelo tempo do terramoto; e Sabe que as Cazas em que estes moravão Se abateram ficando os Pays debaixo das ruinas Com humas meninas Irmãs do Just.e, e huãs pretas, o que tudo foi publico, e Contanto Sem haver noticias de Couza em Contr.^o, o que Sabe por ter amizade, e Conhecim.to grande em Sua Caza; e do q' disse, e assinou Com^o Eu q' com o P.^o Fernando Joze Al'z o escrevi.

[rubrica]

Henrique Joze Felner [assinatura]»

«E feita a Just.am Supra fis este Sum-^o Concluso eu o P.^o Fernando Joze Al'z o escrevi.

Vistos»

[Fl. 5v.]

[Despacho – 1.^o parágrafo riscado]

«Declaro faça de alguem dizer do certo os nomes de seos avoz p.^a se referirem no asento de recebim.to de seos pays.

[rubrica]»

«Ex.mo S.r

Declara o Supp.e que ouvio dizer a seus Pays que seus Avòs paternos se chamavão Guilherme Elvinich, e Marianna Saiber, e seus Avòs maternos João David Faber, e Maria Magdalena Gancen; porem não tem testemunhas com q'. o justifique, tanto por serem estrangeiros, como por não haver nesta cid.e q.m vivesse com ellas, o que tudo sendo necessario jura aos santos evangelhos, e portanto

P. a VEx.^a seja servido haver por justificado o referido

E.R.M.»

[Despacho]

«Vistos estes auttos de justificação a favor do Supp.e João Joseph Elvenich, e testemunhos produzidos, mostrou-se que João Elvenich, e Anna Josepha forão casados, e recebidos na freguesia de nossa Senhora dos Martires desta cidade, haverá trinta annos [fl. 6] pouco mais, ou menos; porque as testemunhas

depoem terem elles conhecimento do tempo ainda de Solteiros, e posto que não há testemunhas, que saibão os nomes dos pays dos sobreditos consortes, por serem Estrangeiros, se responderá por declaração do Supp.e, q' o dito João Elvenich fora filho de Guilherme Elvenich, e de Marianna Saiber, e que a dita Anna Jozepha fora filha de João David Faber, e de Maria Magdalena Gancen: mostra-se outro sim, q' os ditos Consortes João Elvenich, e Anna Josepha ao tempo do grande Terremoto do anno de mil sette centos, cincoenta, e cinco erão moradores junto á cordoaria velha destricto da sobredita freg.^a dos Martires, e que falecerão nas ruinas das casas, que habitavão, e nunca maes apparecerão, como depoem as testemunhas, ainda parentes, e alguã q' assestia em sua comp.^a

Portanto mando, q' o R.do Paroco abra assento do Recebim.to dos sobreditos na forma expresada, e tambem a do obito de cada hum delles na mesma conformid.e, e pague o supp.e os auttos.

Lx.^a 14 de Julho de 1766.

Joseph Mendes da Costa [assinatura]»

«Conta

Aprezent. [?] &^a ----- 380

Desta Conta ----- 36 gratis

Almeida [assinatura]»

[Fl. 6v.]

«Julho = 16 = 1766

Cazamt^o

Joam Elvenich = com Anna Jozefa = L-1- fl = 119»

«Falecim.to dos d.os

L - 1 - fl = 39»

«N.º 5»